

ANALISANDO A (RE) CONSTRUÇÃO DA PRÁXIS PEDAGÓGICA

BERTOL, Claudiane Eidt¹
BERTOL, Suély Elise Eidt²
MARTINS, Luciene Aparecida³
SILVA, Elias do Nascimento⁴
SILVA, Erileide⁵

RESUMO: a práxis pedagógica pressupõe um educar que contribua para que os atores abrangidos como educadores e alunos transformem suas vivências num processo permanente de aprendizagem. De tal modo, ensinar e aprender são facetas do mesmo processo, demandando uma flexibilidade, tanto pessoais quanto de grupo. Os conteúdos fixos com conhecimentos prontos dão lugar a processos abertos de pesquisa e comunicação, envolvendo a criança na própria educação. Então, é ela própria a principal interessada no aprimoramento das estratégias de construção do seu saber através de um ensino interativo. Pensando nesta perspectiva nos propomos, neste artigo, refletir sobre o papel do Educador que investiga e reflete sobre sua própria prática utilizando como recurso pedagógico o jogo. Não há dúvida de que o jogo é um excelente mediador de conhecimentos no processo de ensino-aprendizagem. A criança é livre para descobrir relações por ela mesma, construindo o conhecimento de forma mais divertida e prazerosa. Ao Educador cabe produzir materiais convenientes para que as crianças possam assimilar as realidades intelectuais.

Palavras-chave: Ensino. Prática. Transformação.

1- INTRODUÇÃO

Ressalta-se a necessidade de um ensino que procure repensar o lúdico. A escola "peca" ao dividir o ensino em lados diferentes: de um lado a brincadeira, o

¹ Pedagoga pelo Centro Universitário Internacional UNINTER. Professora na Creche Pequeno Príncipe no município de Porto dos Gaúchos-MT. E-mail: claudianeidbertol@hotmail.com

² Pedagoga pelo Centro Universitário Internacional UNINTER Auxiliar de sala na Creche Pequeno Príncipe no município de Porto dos Gaúchos-MT. E-mail: suelynbertol@hotmail.com

³ Pedagoga pelo Centro Universitário Internacional UNINTER Auxiliar de sala na Creche Pequeno Príncipe no município de Porto dos Gaúchos-MT. E-mail: pacu@outlook.com.br

⁴ Pedagogo pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Secretário Escolar na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Morais Especialista em Gestão Escolar pela Universidade da Cidade de São Paulo-UNICID. E-mail: ninffeto@hotmail.com

⁵ Pedagoga pelo Centro Universitário Internacional UNINTER. Auxiliar de sala na Creche Pequeno Príncipe no município de Porto dos Gaúchos-MT. E-mail: eriliedesidney@hotmail.com

jogo, onde existe o sonho e a fantasia; de outro lado, o ensino "formal", do trabalho e do estudo. Brincar é uma realidade vivida pela criança em seu cotidiano. Através da imaginação ela relaciona seus interesses e necessidades com a realidade de um mundo no qual vive e que pouco conhece. Uma educação identificada com a comunidade é uma preocupação constante de todos os educadores que pretendem tornar as práticas sociais mais realistas e conjugadas socialmente.

Neste sentido, é papel da escola, educadores e alunos discutir, analisar e refletir sobre as práticas de ensino, permitindo a percepção do conhecimento como algo que é construído por meio de trocas sociais, na vivência entre pessoas com experiências diferentes, aceitando-se riscos, contradições e desafios. Neste trabalho fizemos uma abordagem metodológica com base no materialismo histórico dialético, que considera que os fatos não podem ser dissociados do contexto social, político e econômico em que vivemos.

Abordamos a problemática que originou este artigo de forma qualitativa, procurando, através da pesquisa exploratória, contribuir com educadores que pensam a educação também de forma prazerosa e lúdica. O procedimento técnico empregado foi o bibliográfico, organizado a partir da leitura de materiais publicados online e ainda livros e revistas especializadas.

2-A ATUAÇÃO DO EDUCADOR DIRECIONANDO UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA E REFLEXIVA.

As mudanças políticas, econômicas e culturais que ocorrem na sociedade, atualmente, e o grande volume de informações estão se refletindo no ensino, exigindo, desta forma, que a escola seja um ambiente estimulante, que possibilite à criança adquirir o conhecimento de maneira mais motivada em movimentos de parceria, de interações de experiências, de afetividade, do ato de aprender a desenvolver o pensamento crítico reflexivo.

Busca se hoje a educação baseada na interlocução dos sujeitos, para a construção do conhecimento que expressa a realidade cotidiana, pessoal e

coletiva, em interação com saberes prévios. Educadores e alunos trocam, depoimentos sobre suas atividades e experiências, com o intuito de fornecer novos significados aos saberes. Ouvir e falar, dizer-se mutuamente, os alunos entre si e aos Educadores e estes entre si e os alunos... A construção do saber pedagógico deve-se dar pela troca de experiências de vida, constituindo ações em parceria e formando professores-pesquisadores da prática, que busquem dar unidade aos saberes fragmentados e fundar uma comunidade científica (MARQUES, 1999, p.15)

Entendemos que a melhor forma de se chegar a essas mudanças na escola e na educação é envolver o educador em ações que priorizem a vivência da reflexão sobre as práticas pedagógicas de cada um buscando, desta forma, a construção de uma práxis coerente com o atual momento e necessidades do contexto onde atua. Na visão de Kemmis (1993), isso poderá acontecer através da constituição de comunidades críticas de Educadores, no momento em que estes se envolvem em uma sistemática de formação permanente, lutando por uma reforma curricular e por uma revisão das atividades escolares e de investigação.

Portanto:

A formação de Educadores deve ser concebida como uma das componentes da mudança, em conexão estreita com outros setores e áreas de intervenção... A formação não se faz antes da mudança, faz-se durante, produz-se nesse esforço de inovação e de procura dos melhores percursos para a transformação da escola... Toda a formação encerra um projeto de ação. E de transformação. E não há projeto sem opções. As minhas passam pela valorização das pessoas e dos grupos que tem lutado pela inovação no interior das escolas e do sistema educativo... (NÓVOA, 1995 p.28-31)

O cotidiano do Educador deve ser marcado pela análise diária de suas práticas pedagógicas. No pressuposto de Freire (1998, p.43-44), a práxis pedagógica dos educadores é algo que exige reflexão e compreensão do fazer pedagógico crítico e autônomo, visando à formação continuada. Segundo ele,

Por isso é que, na formação permanente dos Educadores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário á reflexão crítica tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. [...].

Faz-se necessária a existência de educadores pesquisadores dispostos a desafios, que busquem formas diversificadas e renovadas de leitura e compreensão de suas realidades a fim de buscar a transformação da mesma, dentro de uma visão crítica, criativa, inovadora e capaz de diálogo. Construindo e produzindo conhecimentos, o educador proporciona instrumentos e espaços adequados que possibilitam a construção do conhecimento também por seus alunos. Freire pressupõe que:

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção... Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que as conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém (1998, p.25).

O educador, então, deve analisar a realidade em que desenvolve sua prática, compreendê-la, interpretá-la e refletir sobre ela com o intuito de intervir, visando mudanças. A educação exige um trabalho diferenciado com as novas gerações, que cada vez mais chegam à escola com diferentes estruturas cognitivas. Para tanto, é necessário ao educador uma formação que assegure práticas coerentes com os princípios que visem à transformação do sistema educativo e a inclusão dos novos desafios que dela decorrem. Uma formação que conceba o saber e que valorize as características específicas do processo de ensino e aprendizagem.

Importante, também, é o envolvimento pessoal de cada profissional compreendendo a educação como algo que não está pronto, acabado, verdadeiro, impessoal e fragmentado e sim, que precisa ser reinventado e reconstruído num processo permanente. A formação permanente precisa constituir-se em um processo que permita reciclar a formação inicial, proporcionando a atualização contínua e consequente do Educador. Essa formação permitirá a ele refletir sobre as implicações pedagógicas das novas tecnologias e a integração delas no currículo escolar, uma vez que este constitui um espaço de trocas, relações e construções entre pessoas.

O currículo escolar já deixou de ser há muito tempo de exercer a função de documento burocrático e técnico nas escolas. Atualmente o mesmo é assumido

como parte constituinte e essencial na construção da identidade da escola, dos educadores e dos alunos. Por essa razão ele nunca poderá ser considerado amorfo ou neutro, mas sim “querer” um sujeito que pensa que duvida, com capacidade de observar, raciocinar: um ser autônomo que busca conhecer e, acima de tudo, ser.

Um currículo é o que dizemos e fazemos... Com ele, por ele, nele. É nosso passado que veio, o presente que é nosso problema e limite, e o futuro que queremos mudado. É a compreensão de nossa temporalidade e espaço. Um “espectro” que remete a todos os nossos outros, e exprime nossa sujeição ao “Outro” da linguagem. Um currículo é a precariedade dos seres multifacéticos e polimorfos que somos. Nossa própria linguagem contemporânea, que constitui uma pletera de “eus” e de “não eus”, que falam e são silenciados em um currículo.(CORAZZA, 2001, p.14)

Conforme a contribuição de Gutiérrez (1996), a compreensão de um currículo que condiz com as exigências dessa nova sociedade precisa partir do pressuposto de que cada criança tem um ritmo próprio de desenvolvimento, tendo diferentes experiências pessoais, expectativas e formas de ver e refletir o mundo. O novo perfil de educador é muito diferente do perfil do educador tradicional.

Serrano (1990) conjectura que é fundamental que esse educador seja:

- ✓ o organizador da interação de cada aluno com o objeto do conhecimento;
- ✓ Conceba a tarefa como uma mediação para que toda a atividade que se leve até o fim seja significativa e estimule o potencial de cada um dos alunos em um trabalho cooperativo, entre esses Educadores;
- ✓ Deve ser quem conceba e ative o valor funcional da aprendizagem da cultura para a vida cotidiana do aluno;
- ✓ Seja capaz de reproduzir uma tradição cultural, mas também de gerar contradições e promover alternativas; de facilitar aos alunos a integração de todas as ofertas de formação internas e externas na aula; de projetar e organizar trabalhos disciplinares e interdisciplinares, de colaborar com o mundo exterior da escola, fazendo da experiência educativa uma experiência individual e, por sua vez, socializadora;
- ✓ Seja capaz de analisar o contexto em que se desenvolve a sua atividade e de planejá-la, de dar resposta a uma sociedade em mudança, e de combinar a compreensibilidade de um ensino para todos, nas etapas de educação obrigatória, com as diferenças individuais, de modo que se superem as desigualdades, mas se fomente ao mesmo tempo, a diversidade dos sujeitos. Em resumo, o perfil do Educador com autonomia profissional e responsabilidade diante aos membros da comunidade interessados na educação. (p.184-185. Tradução pessoal).

Pensando o ensino enquanto uma profissão na qual a prática oportuniza a aquisição de conhecimentos específicos, ligados à ação, somente possível de ser aprendido na e pela prática, acredita-se ser necessário que o Educador seja um profissional competente. Essa competência, segundo Perrenoud, é a capacidade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações. Para ele as competências a serem mobilizadas são:

- ✓ Organizar e dirigir situações de aprendizagem;
- ✓ Administrar a progressão das aprendizagens;
- ✓ Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação;
- ✓ Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho;
- ✓ Trabalhar em equipe;
- ✓ Participar da administração da escola;
- ✓ Informar e envolver os pais;
- ✓ Utilizar novas tecnologias;
- ✓ Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão;
- ✓ Administrar sua própria formação contínua. (PERRENOUD, 2000, p. 14)

Zabala (1998) uma resignificação dos saberes deve partir de relações que se estabelecem entre os educadores, os alunos e os conteúdos no processo ensino e aprendizagem são de suma importância. Para tanto, o educador necessita diversificar as estratégias, propor desafios, comparar, dirigir e estar atento à diversidade dos alunos, o que significa estabelecer uma interação direta com eles. Desta forma, segundo este mesmo autor, do conjunto de relações interativas necessárias para facilitar a aprendizagem se deduz uma série de funções dos educadores. São elas:

- a) planejar a atuação docente de uma maneira suficientemente flexível para permitir a *adaptação às necessidades dos alunos* em todo o processo de ensino/aprendizagem;
- b) contar com as *contribuições e os conhecimentos* dos alunos, tanto no início das atividades como durante sua realização;
- c) ajudá-los a *encontrar sentido no que estão fazendo* para que conheçam o que têm que fazer, sintam que podem fazê-lo e que é interessante fazê-lo;
- d) estabelecer *metas ao alcance dos alunos* para que possam ser superadas com o esforço e a ajuda necessários;
- e) oferecer *ajudas adequadas*, no processo de construção do aluno, para os progressos que experimenta e para enfrentar os obstáculos com os quais se depara;
- f) promover *atividade mental auto-estruturante* que permita estabelecer o máximo de relações como o novo conteúdo, atribuindo-lhe

significado no maior grau possível e fomentando os processos de metacognição que lhe permitam assegurar o controle pessoal sobre os próprios conhecimentos e processos durante a aprendizagem;

g) estabelecer um ambiente e determinadas relações presididos pelo respeito mútuo e pelo sentimento de confiança, que promovam a *auto-estima e o autoconceito*;

h) promover *canais de comunicação* que regulem os processos de negociação, participação e construção;

i) potencializar progressivamente a *autonomia* dos alunos na definição de objetivos, no planejamento das ações que os conduzirão a eles e em sua realização e controle, possibilitando que aprendam a aprender;

j) avaliar os alunos *conforme suas capacidades e seus esforços*, levando em conta o ponto pessoal de partida e o processo através do qual adquirem conhecimento e incentivando a *auto-avaliação* das competências como meio para favorecer as estratégias de controle e regulação da própria atividade. (ZABALA, 1998, p. 92-93).

É na situação prática da sala de aula, em que atuam educador em interação pedagógica que se constitui o Educador-pesquisador na interação com seus pares e seus alunos. Faz parte desta interação a busca, os questionamentos, a pesquisa, que são desenvolvidos em atos investigativos na e sobre a prática. Através da pesquisa busca-se modificar o ensino, acompanhando-o de maneira sistemática e contínua, apontando novos caminhos, desafios, a fim de encontrar novos saberes através da análise e reflexão das concepções do sujeito nela envolvidos.

Em meio a tantas transformações e exigências, resta à escola a busca de alternativas para a mudança. Essa mudança na educação indica o que Pretto (1996,p.43) chama de "nova razão". Segundo este autor,

Esse conjunto de novos valores vai caracterizando esse novo mundo ainda em formação. Um mundo em que a relação homem-máquina passa a adquirir um novo estatuto, outra dimensão. As máquinas da comunicação, os computadores, essas novas tecnologias, não são mais apenas máquinas. São os instrumentos de uma nova razão. Nesse sentido, as máquinas deixam de ser, como vinham sendo até então, um elemento de mediação entre o homem e a natureza e passam a expressar uma nova razão cognitiva..

A reflexão sobre e na ação é que produz conhecimentos competentes, autênticos, o saber fazer oriundo de realidades flexíveis e incertas.

Os homens são seres da práxis. São seres do que fazer... Se os homens são seres do que fazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o que fazer é práxis, todo fazer do que fazer tem que ter uma teoria que necessariamente

o ilumine. O que fazer é teoria e prática. É reflexão e ação... (FREIRE, 2001, p.121)

De acordo com Schön apud Gómez (1995) são três os conceitos diferentes integram o pensamento prático do educador: o conhecimento-na-ação, a reflexão-na-ação e a reflexão sobre a ação e sobre a reflexão-na-ação.

O conhecimento-na-ação é o componente inteligente que orienta toda atividade humana e se manifesta no saber fazer. Mas não existe apenas um conhecimento implícito na atividade prática. Frequentemente pensamos sobre o que fazemos ao mesmo tempo em que atuamos. Schön chama a este componente de pensamento prático, reflexão-na-ação. Isto é, um processo de diálogo com a situação problemática e sobre uma interação particular que exige uma intervenção concreta... O profissional encontra-se envolvido na situação problemática que pretende modificar... A reflexão sobre a ação e sobre a reflexão-na-ação. Pode considerar-se como a análise que o indivíduo realiza a posteriori sobre as características e processos da sua própria ação. É a atualização do conhecimento para descrever, analisar e avaliar os vestígios deixados na memória por intervenções anteriores. A reflexão sobre a ação supõe um conhecimento de terceira ordem, que analisa o conhecimento-na-ação e a reflexão-na-ação em relação com a situação problemática e o seu contexto. Estes três processos constituem o pensamento prático do profissional. Com o qual enfrenta as situações "divergentes" da prática. Estes processos não são independentes, completando entre si para garantir uma intervenção prática racional (1995, p.104-105)

Não podemos fechar nossos olhos e ficar alienados frente aos desafios apresentados pela "nova sociedade". A tecnologia nos cerca em todos os momentos e seus avanços é incalculável, influenciando cada vez mais nosso cotidiano. A comunicação midiática é aprimorada rapidamente e nos coloca mais perto uns dos outros, possibilitando-nos o acesso a milhares de informações com maior facilidade. O educador deve estar em constante aperfeiçoamento para que, assim, possa melhorar o nível de aprendizagem de seus alunos e de si próprio. No entanto, é necessário também que as escolas proporcionem espaços para que este educador possa aprimorar-se, bem como realizar algumas mudanças no próprio Projeto Político Pedagógico tornando-o mais dinâmico e flexível.

O Projeto Político Pedagógico como um dos principais documentos da escola, senão o principal constitui-se em um grande aliado para a tão desejada mudança da prática educativa. Nele está expresso legalmente os marcos referenciais que

sustentam a proposta da escola: situacional, doutrinal e operativo. O Marco Situacional: é a percepção de pessoas que planejam em torno da realidade em geral: como a veem, quais seus traços marcantes. Segundo Vasconcellos (2000, p. 182), “é, portanto, o momento da análise da realidade mais ampla na qual a instituição está inserida”. Ou seja, o que se pretende é uma visão geral da realidade e não análise da instituição em si.

O Marco doutrinal: corresponde aos ideais da instituição, o que ela deseja para as pessoas e para a sociedade. Para o mesmo autor (p.183), “é a proposta de sociedade, pessoa e educação que o grupo assume. Aqui são expressas as grandes opções do grupo (utopia fim). Contém os critérios gerais e orientação da instituição”.

E por fim o Marco operativo: Este marco define o tipo de escola, de educação e de educador necessários para alcançar os ideais de sociedade e pessoas que almejamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante lembrarmos que só há projeto eficiente se for pautado na construção coletiva e participativa. Esta participação efetivamente acontece quando os participantes assumem uma postura consciente de seu papel na mudança e na transformação, principalmente tornando-se investigadores de suas próprias práticas e adotando novos modelos metodológicos.

Desse modo, Freire (1998, p.43-44) acredita que "... na formação permanente dos educadores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática...".

Portanto, nesse novo modo de conceber o ensino, o educador não mais detém o poder. Ele deve ser o orientador, o observador e o guia que lança novos desafios e contribui na construção do conhecimento por parte de seus alunos. Deve persistir em um processo de ensino-aprendizagem que promova a construção colaborativa do conhecimento. Conhecimento este que deve ser visto não como algo que se recebe, mas algo que é construído na interação social, ou melhor, por meio

da participação, colaboração e cooperação, tanto por parte do aluno quanto por parte do educador.

O conhecimento concebido de acordo com o acima exposto deve ir muito além do conhecimento técnico e formal. Precisa estabelecer e, por meio dele, garantir relações objetivas e subjetivas que desenvolvam nos alunos o sentimento e autoestima, de valorização, de autonomia, de prazer. Tudo isso por estarem em um ambiente onde se desvelam muitas possibilidades e vivências que contribuem para um posicionamento de relação com o outro, de crítica, de curiosidade multicultural na busca da totalidade do saber.

Tendo em vista a necessidade do espírito crítico, comprometido e responsável faz-se necessário que o educador partilhe informações e materiais produzidos com seus pares, auxiliando-o no desenvolvimento de projetos educativos para a melhora da qualidade das aulas.

Nesse novo contexto educativo, onde os profissionais atuam de forma coletiva, os sujeitos são confrontados com a necessidade de uma aprendizagem constante ao longo da vida, com o estabelecimento de novos conceitos e novas formas de conceber a educação. O educador dos novos tempos, reafirmamos novamente, por sua vez, deverá atualizar-se permanentemente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORAZZA, Sandra. **O que quer um currículo**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FREIRE, P **Pedagogia do Oprimido**. 30.ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1998. (Coleção Leitura).

GÔMEZ, A.P. O pensamento prático do Educador: a formação do Educador como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A.et.al.(coord.). 2. ed. **Os Educadores e a sua formação**.Lisboa:Dom Quixote, 1995.

KEMMIS, Stephen & McTAGGART, Robin. **Cómo planificar la investigación-acción**. Barcelona : Ed. Laertes, 1993.

MARQUES, M.O. **A escola no computador: Linguagens rearticuladas, educação outra**. Ijuí: Unijui, 1999.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

NÓVOA, A. ET.AL.(Coord). **Os professores e a sua formação**. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PRETTO, N.L. **Uma escola com/sem futuro: educação e multimídia**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

SERRANO, Maria Gloria Perez. **Investigación-acción: aplicaciones al campo social y educativo**. Madrid: Dykinson, 1990.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. 7.ed. São Paulo: Libertad, 2000.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.